

**Pinturas de uma
vida
extraordinária**



**Pinturas de uma
vida
extraordinária**



Marcela Costa

Sumário

Capítulo 1	7
Capítulo 2	24
Capítulo 3	38
Capítulo 4	59
Capítulo 5	77
Capítulo 6	95
Capítulo 7	113
Capítulo 8	130
Capítulo 9	144
Capítulo 10	159
Capítulo 11	172
Capítulo 12	188
Capítulo 13	203
Capítulo 14	217
Capítulo 15	234
Capítulo 16	245



Capítulo 1

Chovia muito naquela noite de inverno enquanto uma menina de cabelos longos e loiros estava presa em seus pensamentos tentando transmitir os últimos suspiros de vida de uma linda rosa amarela que havia encontrado em frente a livraria naquela manhã.

Ela pintava com a precisão de um doutor em uma cirurgia. Seus dedos, agora imersos em tinta de todas as cores possíveis, se moviam graciosamente mudando de pincéis e tintas com uma rapidez admirável.

Seu macacão azul novo que havia comprado nessa mesma manhã, agora estava salpicado com diversos tons de amarelo e verde, e seus cabelos continham marcas de dedos sujos de tinta, que em

vão tentavam arrumar o coque agora quase totalmente desfeito em sua cabeça.

A menina estava naquele estado desde que encontrou a flor no chão, implorando para alguém captar seus últimos momentos de beleza antes de padecer longe de seus ramos.

Ela estava em seu ateliê, não era um luxo, mas era o suficiente, comprara ele após trabalhar por 7 longos meses em uma cafeteria no centro da cidade. As janelas tinham trancas falhas, as paredes de madeira eram cobertas de poeira e possuíam uma quantidade inumerável de rachaduras e buracos. Mas nada disso importava, pois era seu cantinho, aonde ela ia para fugir das brigas constantes que rodeavam dia a dia a atmosfera da sua casa.

Essa menina se chama Elizabeth, Elizabeth Wood. Ela não sabe onde nasceu, nem quem eram seus pais verdadeiros e também não fazia questão de saber. Foi adotada quando tinha 3 anos pelo casal Wood, que eram pessoas muito adoráveis, mas que quando ela completou seus 14 anos, deixaram ela de lado de uma certa forma.

Ela não passava fome nem nada do tipo, mas resumidamente, se alguém contasse a eles que ela havia falecido, provavelmente só responderiam:

-Todo mundo morre um dia.

E continuariam suas vidas. Por conta disso, desde que conseguiu seu ateliê aos 19 anos, ela

passava a maior parte de seus dias nele, uma vez chegou a passar um mês lá, e quando voltou para casa, só para pegar cobertas novas, seus pais nem sequer tinham notado sua ausência.

Não estou dizendo que eles a tratavam mal, não mesmo, afinal eram bons pais, só muito relaxados. Todo mês de Março, desde quando Eliza percebeu sua paixão e necessidade pela pintura aos 10 anos, no dia 20, sem falta, eles sempre compravam 5 novas telas de pintura (de tamanhos e formas variadas), 4 pincéis novos (algumas vezes eram importados e com diversos detalhes nos cabos), um kit novo de tintas (geralmente de uma nova marca, com todas as cores que você conseguir imaginar), e colocavam no quarto dela, com uma embalagem simples, e uma cartinha, que costumava dizer as origens, marcas e histórias daqueles materiais, Eliza gostava de ler sobre isso, e eles sabiam, se importavam com ela, mas não ao ponto de se preocuparem, só isso.

Eles a tratavam de uma forma bem neutra, mas só ela. O pai e mãe de Eliza brigavam muito, com seus irmãos, pais, vizinhos e qualquer um que olhasse torto para eles. Mesmo com a aparência meio esquelética e as roupas que faziam eles serem facilmente confundidos com hippies, não era bom tê-los como inimigos.

A chuva lá fora massacrava a pequena casinha com tudo que podia, as paredes rangiam e as

janelas, agora escancaradas, ficavam abrindo e fechando fazendo um som seco que ecoava por todo o ateliê, deixando gotas e mais gotas enormes de água encharcarem aquele antigo chão, mas nada era suficiente para tirar Eliza de sua pintura.

Aquela flor seria sua musa por uma semana mais ou menos (ou até o momento em que Eliza concluísse a pintura), mas como sua alegria e luz seriam perdidos nesse mesmo dia, por causa de alguém que achou engraçado arranca – la a força de suas raízes, Eliza tinha que pintar o máximo que podia antes de tudo ir embora, tinha que capturar toda a cor, cheiro e superfície da flor e passá – la para a tela, era uma missão, uma necessidade tremenda que se manifestou dentro dela quando avistou a rosa jogada na calçada.

Eliza sempre pintou o que sente, tudo o que lhe cause alguma espécie de sentimento, sente uma necessidade enorme de pintar, mas caso não consiga, cai em um estado melancólico que costuma durar algumas semanas, com greve de fome e se sujeitando as vezes a não beber nada além de um litro de água por dia, o que acontecia com frequência naquela época, pois por ser uma cidade comercial, via muitas estrangeiras com roupas exóticas e itens diferentes, mas que sempre passavam por ela e iam embora em algum navio ou trem para um mundo grande demais e complicado demais para ela achá – los novamente.

Mas por outro lado, quando concluía uma pintura, olhar para ela era como ver um raio de sol cintilando a todo vapor, sorridente e radiante, transbordando de alegria (ou apenas contentamento, alguns costumavam dizer que em seus olhos, lá no mais profundo deles, sempre existia uma tristeza infinita e dor constante).

Já eram quase 11 horas da noite quando a porta finalmente cedeu a força da chuva e se abriu fazendo um barulho muito alto, deixando a ventania entrar apagando a última vela que fornecia um pouco de luz para aquele pequeno lugar, vela essa que estava ao lado de Eliza e de sua pintura, e foi essa escuridão que finalmente acordou ela de seus pensamentos.

-Bem, acho que não há mais nada que eu possa fazer.

Ela falou suspirando profundamente e se levantando.

Após um tempo procurando fósforos conseguiu acender algumas velas novamente, fechou a porta e olhou triste para a rosa que deixava cair sua última pétala no pequeno vaso de barro cor turquesa em que Eliza a tinha colocado, em uma tentativa inútil de tentar revivê-la.

-Você será lembrada com muito carinho minha linda musa.

Ela pegou o vaso delicadamente e colocou em uma das estantes que estavam ali perto repletas

de outras flores, galhos, jarros, bonecas e outras diversas coisas que já tinha pintado.

Se espreguiçou e indo em direção a uma janela, puxou a manga da camisa para cima, esticou os braços para fora molhando - os na água fria da chuva que agora parecia finalmente fraquejar. Na tela agora tinha apenas a flor amarela em um fundo rabiscado de verde, que para os que olhassem rápido era apenas uma pintura de uma rosa simples e incompleta, mas aos espertos, era um mundo inteiro de detalhes e sentimentos que transbordava cheio de vida, que fazia você sentir cheiros, as curvas e até a respiração da jovem flor.

Ela então guardou seus pincéis e tintas, fechou as janelas, colocou a tela no único canto da casinha que tinha poucos buracos e goteiras, pegou sua capa de chuva, deixou seus chinelos no lado da porta, colocou suas botas de chuva, apagou as velas e saiu de seu ateliê dando um puxão na porta para trancá - la.

Da chuva agora restara apenas pequenas gotas caindo sobre a terra naquela noite fria e iluminada pelo belo luar de uma lua quase completa. Seu ateliê era um pouco afastado da cidade, e levava uns 20 minutos a pé até a sua casa, dando bastante tempo para ela apreciar todos os mínimos detalhes de sua pequena cidade, os grandes lampiões nas ruas que emanavam raios alaranjados e fracos, as árvores verdes no início de cada bairro agora molhadas criando uma bela

pintura aos olhos de folhas com gotas de água (Eliza já havia pintado vários quadros assim, mudando apenas as plantas, mas sempre com o foco na folha e o orvalho, ela considerava esse fenômeno fascinante), as estradas feitas com grandes pedras brancas que se vistas sob um belo luar pareciam brilhar junto com as estrelas, e as diversas esculturas de mármore de belos rostos, corpos e animais espalhados em frente de museus, igrejas e algumas casas dos que mais apreciavam esse tipo de arte.

Tudo estava calmo como de costume e Eliza andava devagar olhando para o horizonte de forma pensativa prestando atenção em cada um desses detalhes, e de vez em outra pulando em poças que apareciam em seu caminho.

Quando chegou na frente da sua casa ela parou e procurou no bolso da frente do seu macacão a sua pequena chave dourada (recentemente bem polida), destrancou a porta e após dar uma última olhada no enorme lampião amarelado em frente, entrou na escuridão daquela enorme casa silenciosa. Depois de tatear um pouco a parede finalmente achou o interruptor e apertando - o uma luz branca surgiu do grande lustre no centro do teto da sala.

Ela tirou a capa de chuva, colocou ela no cabide de roupas molhadas que ficava do lado da porta, deixou suas botas embaixo do cabide e enxugando seus pés no tapete passou pela sala, subiu as escadas e foi em direção ao seu quarto.

O quarto de Eliza ficava no fim do corredor do segundo andar de sua casa, e era um lugar quase que abandonado, onde só restara sua cama, uma pequena cômoda com 4 gavetas (que era onde ela colocava suas roupas) com um compartimento embaixo (onde colocava seus sapatos), que tinha um abajur azul em formato de cogumelo meio gasto em cima, e um grande espelho com as bordas de madeira que ficava no canto contrário da cama. Tinha uma enorme janela com cortinas azuladas e flores brancas enormes. Era um cômodo bem espaçoso, mas ela tinha levado tudo que considerava importante para seu ateliê, deixando seu quarto bem simples e com apenas o básico.

Ela entrou nele e encostando a porta foi ligar seu abajur, trocou de roupa colocando um pijama branco com estampa de patinhos que já tinha deixado em cima da cama na noite anterior, dobrou e deixou seu macacão encima da cômoda e se jogou na cama com o rosto virado para o teto. Eliza passou algum tempo assim, apenas olhando o teto cinza e vazio do seu quarto silencioso, antes de apagar a luz enfraquecida de seu abajur e adormecer sonhando com sua pequena e indefesa flor amarela.

Já era manhã quando foi acordada com batidas que vinham da porta frente de sua casa, então coçando os olhos se sentou olhando para a janela

que agora deixava entrar uma imensidão de luz, aromas e barulhos familiares vindos das lojas do lado de fora. Foi aí que ela lembrou que era finalmente dia 19, os comerciantes já haviam chegado, e outra temporada de compras havia se iniciado. Sua casa ficava no centro, o que era maravilhoso para ela pois facilitava o encontro com novas musas e novos artefatos diferentes trazidos de lugares distantes que ela poderia usar em suas pinturas.

Ela se levantou em um pulo, colocou uma calça comprida folgada cinza, uma camisa longa e azul sem estampas, passou rapidamente a mão no seu cabelo, o amarrou em um rabo de cavalo mal feito, colocou seu tênis e depois de procurar sem êxito seu caderno de rabiscos por todo o quarto, lembrou que havia deixado no ateliê e esquecido de trazer na noite passada.

Eliza saiu do seu quarto descendo as escadas com passos apressados até a porta da frente de casa, pegou um boné azul escuro no cabide, segurou a maçaneta por alguns segundos e após soltar um suspiro longo, saiu de casa, indo em direção do seu ateliê andando com a cabeça abaixada e passos largos.

O clima estava muito agradável e no ar havia um cheiro de pão fresco, novas tintas, novos perfumes e etc. Tudo cheirava à arte e tudo era arte aos olhos de Eliza.

Mesmo passando rápido uma loja chamou a atenção de Eliza, a sua loja predileta, pois era

onde eram vendidas pinturas com qualidades incríveis vindas de todos os cantos do mundo, as tintas mais pigmentadas, os mais belos e enfeitados pincéis, as mais longas, gigantes, pequenas e exóticas telas de pintura e foi lá que ela descobriu a sua paixão pela pintura. Mas não foi o fato de gostar daquela loja que a fez parar, e sim a pintura que tinha acabado de chegar.

Eliza ficou parada completamente sem reação, com o coração errando as batidas, e de repente, tudo se resumiu a aquela pintura, o mundo dela se tornou a pintura, seus olhos cor de chocolate agora brilhavam e pareciam cheios de estrelinhas minúsculas, afinal, por mais inacreditável que possa parecer, era um dos quadros que ela mais admirava, de simplesmente o maior pintor que este universo já teve, o qual Eliza se identificava, quem ela consegue sentir as obras com o coração, e quem ela sempre admirou, era A Ameixeira em Flor, do grande pintor Vincent Van Gogh.

Ela não conseguia mover um músculo, o modo como a tinta parecia ter vida própria, era como se saltasse da tela, Eliza conseguia sentir as folhas se mexendo e sentia que se esticasse a mão seria capaz de pegar uma daquelas flores, a precisão e perfeição de cada traço simplesmente a deixou hipnotizada.

-Bom dia Eliza, vejo que já viu o nosso novo tesouro.

Uma voz jovial, feminina e que ela conhecia bem veio de dentro da loja tirando Eliza de seu estado de paralisia.

-B..bom dia Annie.

Ela disse meio sem jeito.

Annie era a vendedora daquela loja, seus cabelos ruivos cacheados sempre estavam soltos, ela tinha uma pele clara, sardas no rosto e sempre usava vestidos com saias rodadas. Seu sorriso e alegria eram contagiantes a todos que a viam, e ela tinha 21 anos igual Eliza (embora Elizabeth nunca tenha contado a ninguém, ela tinha uma pintura de Annie em um pequeno quadro que guardava em sua cômoda que ela tinha feito quando tinha 18 anos).

-Sabia que ia gostar.

Eliza sorriu com o canto da boca.

-É magnífica

Annie se aproximou e se inclinou na direção de Eliza

-Então, alguma pintura nova?

Eliza corou levemente

-Apenas uma, mas ainda não acabei.

Supirou tristemente

-Que pena, mas suponho que já deve estar um belo colírio aos olhos, adoraria ver, o que acha de sairmos qualquer dia desses de novo e você me contar a história dela?

Seus olhos brilhantes se fecharam levemente em harmonia com seu sorriso

-Eu adoraria.

Annie se virou com um ar contente e suspirou sorrindo levemente

-Está marcado então, na minha folga vou ao seu ateliê.

Uma voz alta chamou Annie de dentro da loja

-Bem, estou indo nessa, até mais.

Ela abraçou rapidamente Eliza e voltou para dentro dando pulinhos. Elizabeth sorriu timidamente, virando então seus olhos para a pintura novamente. As pinceladas ousadas e as cores vibrantes da obra a transportaram para um jardim efêmero de sonhos, onde as pétalas se desdobravam como segredos aguardando serem desvendados. A contemplação se transformou em uma dança suave da mente, onde as formas das flores da pintura começaram a deslizar para além das bordas do quadro, tomando a visão de Elizabeth. O perfume suave e doce das flores parecia pairar no ar ao seu redor, envolvendo-a em uma aura perfumada que a fez esquecer momentaneamente do mundo exterior.

Lentamente então, Eliza foi se afastando da vitrine, permitindo que o feitiço da pintura cedesse aos seus sentidos. Com um sorriso sonhador nos lábios, ela vagou pelas ruas da cidade, esquecendo completamente de ir ao seu ateliê. As pequenas cabanas de madeira e pedra pareciam sorrir para ela, suas janelas adornadas com flores coloridas que espelhavam a alegria da primavera.

Ela passou por uma confeitaria, onde o aroma tentador de tortas recém-assadas e bolos de frutas

dançava no ar. Os sons suaves de risos e conversas animadas misturavam-se ao tilintar de talheres e pratos, criando uma sinfonia acolhedora.

Passou por uma loja de antiguidades e uma placa escrita “novos itens” a fez entrar. O tilintar de sinos acolheu-a quando ela empurrou a porta de vidro, revelando um santuário repleto de histórias e curiosidades. O som abafado dos passos de Elizabeth ecoou nas tábuas de madeira do chão enquanto ela explorava as prateleiras adornadas com objetos de tempos passados.

Seus olhos pousaram em um pequeno relógio de bolso, seu mostrador marcando o tempo com uma elegância atemporal. Ela segurou-o em suas mãos, sentindo o peso suave e os detalhes gravados na superfície metálica. Cada marca parecia contar uma história, uma história que Elizabeth podia apenas imaginar e criar uma pequena pintura em sua mente.

Ao lado do relógio, um pincel de tinta capturou sua atenção. O cabo de madeira estava decorado com um desenho intrincado, um emaranhado de flores e folhas que pareciam ecoar o espírito da pintura que a havia cativado. Ela pegou o pincel com reverência, maravilhando-se com a maneira como os detalhes esculpidos pareciam ganhar vida em suas mãos.

A loja também oferecia outras novidades que haviam chegado recentemente: uma caixa de velhas cartas amareladas, um vaso de cerâmica adornado com padrões delicados e um livro antigo

com capa de couro desgastado. Cada item tinha sua própria aura de mistério e história, e Elizabeth sentia-se como se estivesse folheando as páginas de um livro do passado.

O cheiro distinto de madeira envelhecida, poeira suave e papel enriquecia o ar, criando um ambiente acolhedor que a envolvia como um abraço. Ela absorveu os cheiros, os sons e as sensações, perdendo-se mais profundamente na riqueza desse mundo de memórias e objetos esquecidos.

O sol mergulhava lentamente no horizonte, tingindo o céu com tons de laranja e rosa, enquanto pequenas nuvens se espalhavam como pinceladas suaves em uma tela infinita. Eliza caminhava pelas ruas da cidade voltando para casa, os raios dourados acariciando sua pele e lançando sombras compridas atrás dela. Seus cabelos loiros brilhavam sob a luz quente, dançando ao ritmo suave do vento. Nas mãos, ela segurava uma pequena sacola com suas compras do dia.

Ao se aproximar de casa o aroma delicado das flores do jardim saudou seus sentidos, Elizabeth empurrou a porta e entrou, passando rapidamente pela sala, seguindo para seu quarto. Seu quarto estava inundado de luz suave, filtrada pelas